

# Os DJs da Perifa

música eletrônica, trajetórias e  
mediações culturais em São Paulo



## CONSELHO EDITORIAL

Alex Primo – UFRGS  
Álvaro Nunes Lorangeira – UTP  
Carla Rodrigues – PUC-RJ  
Ciro Marcondes Filho – USP  
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS  
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP  
Erick Felinto – UERJ  
J. Roberto Whitaker Penteadó – ESPM  
João Freire Filho – UFRJ  
Juremir Machado da Silva – PUCRS  
Marcelo Rubin de Lima – UFRGS  
Maria Immacolata Vassallo de Lopes – USP  
Michel Maffesoli – Paris V  
Muniz Sodré – UFRJ  
Philippe Joron – Montpellier III  
Pierre le Quéau – Grenoble  
Renato Janine Ribeiro – USP  
Sandra Mara Corazza – UFRGS  
Sara Viola Rodrigues – UFRGS  
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS  
Vicente Molina Neto – UFRGS

Apoio:

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES  
**funarte**

Ministério da  
Cultura

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

# Os DJs da Perifa

música eletrônica, trajetórias e  
mediações culturais em São Paulo

Ivan Paolo de Paris Fontanari



*Editora Sulina*

© Autor, 2013

Capa:

*Leticia Lampert*

Editoração:

*Vânia Möller*

Revisão:

*Caren Capaverde*

Revisão gráfica:

*Miriam Gress*

Editor:

*Luis Gomes*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação CIP  
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

---

F679d Fontanari, Ivan Paolo de Paris

Os DJs da Perifa: música eletrônica, trajetórias e mediações culturais em São Paulo /  
Ivan Paolo de Paris Fontanari. -- Porto Alegre: Sulina, 2013.

326 p.

ISBN: 978-85-205-0693-6

1. Antropologia. 2. Música – Cultura Urbana. 3. Periferia Urbana – Música.  
4. Juventude - Problemas Sociais. 5. Música – Inclusão Social. I. Título

CDU: 316.723

572

78

CDD: 360

780

---

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Meridional Ltda.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim

Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS

Tel: (51) 3311-4082

Fax: (51) 3264-4194

[www.editorasulina.com.br](http://www.editorasulina.com.br)

e-mail: [sulina@editorasulina.com.br](mailto:sulina@editorasulina.com.br)

Outubro/2013

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

*Para Lilian*



# Agradecimentos

A vida social humana se origina na troca, escreve Levi-Strauss. O mesmo posso dizer deste livro. Portanto, para dar continuidade à vida social e às trocas, é necessário reconhecer as diversas instituições e pessoas que contribuíram para a sua existência, cada um ao seu modo, seja por suporte financeiro, intelectual-acadêmico ou afetivo e oferecer a elas, pelo menos inicialmente, uma modesta retribuição em forma de agradecimento. Sem essas trocas, este livro não existiria nem teria sua forma e conteúdo presentes.

À FUNARTE devo a viabilização financeira da publicação deste livro, por meio do Prêmio Produção Crítica em Música 2012.

Ao CNPq devo o apoio financeiro que recebi para dedicar-me integralmente ao curso de doutorado em Antropologia Social na UFRGS e ao estágio *sandwich* na Universidade da Califórnia, em Los Angeles.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul devo minha formação, do ensino elementar ao doutorado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, a todos os professores do programa, em especial Claudia Fonseca, Cornelia Eckert, Ana Luisa Carvalho da Rocha, Ruben Oliven, Maria Eunice Maciel e Carlos Steil. A vocês devo minha formação e fico feliz se encontrarem seus ensinamentos neste trabalho. À Rose, ao Alexandre e à Lena, devo pela permanente disposição e simpatia em seu trabalho tão importante para o mundo acadêmico.

Ao grupo de Estudos Musicais-UFRGS, regido pela professora Elizabeth Lucas, e todos os seus participantes e colaboradores, em especial os da “minha geração”, devo pelos debates, pelas críticas e sugestões, mas também pelo companheirismo, que tornaram o fazer acadêmico tão sério quanto prazeroso: Mário Maia, Luciana Prass, Marília Stein, Paulo Muller, Reginaldo Gil Braga, Werner Evald, Mônica Arnt, Carla Semedo, Leonardo Cardoso, Janaína Lobo, Paulo Murilo e Maria Andrea.

Aos professores Claudia Fonseca e Ruben Oliven, que participaram da banca do exame de qualificação dos primeiros esboços da tese de que se originou este livro, e à banca de defesa da tese, John Dawsey, Enno Dagoberto Liedke Filho e Cornelia Eckert, devo por seus valiosos e certos comentários e sugestões, em grande parte incorporados ao texto atual.

Ao professor Anthony Seeger, do Departamento de Etnomusicologia da UCLA, meu supervisor durante o ano de estágio *sandwich* na UCLA, devo por sua generosidade, paciência, estímulo e competência. Aos professores Sherry Ortner, Jacqueline Dje Dje e Edward Telles, devo por terem generosamente me aceitado como aluno em seus cursos na UCLA.

A Kariann Goldschmitt, devo pelo apoio e estímulo durante meu estágio na UCLA e posteriormente.

A Hillegonda Rietveld, Anna Gavannas, Bernardo Attias e Claudia Azevedo, devo pelas incansáveis e primorosas sugestões e questões que muito têm me ajudado a ir além em minhas interpretações sobre o mundo dos DJs da periferia.

A Pedro Ferreira, por sua interlocução interessada e desafiadora sobre DJs e música eletrônica, na época de realização da pesquisa. Pedro leu cuidadosamente e fez comentários acurados quando este livro ainda se esforçava para se tornar uma tese.

À minha orientadora, professora Elizabeth Lucas, devo pelo exemplo de dedicação e pela seriedade incansáveis e inalcançáveis, pelo

permanente apoio e pelos saudáveis “empurrões” ao longo dos muitos anos de orientação.

A todas as pessoas que fizeram e fazem a cena de música eletrônica que procurei desvendar neste trabalho, e em especial àqueles que colaboraram diretamente com a pesquisa da qual se originou este livro, devo pelo interesse, pela disponibilidade e paciência em colaborar, respondendo perguntas muitas vezes óbvias e me permitindo compartilhar de sua vida cotidiana: Márcio Duarte, DJ Carlos Negrulho, DJ Henry Jay, DJ China, DJ Pedrita, *promoter* Marcela, DJ Johnny DB, DJ Hugo Arena, DJ Marnel, Diogo (“Garrafa”), DJ Cleber Port, DJ Liu Ken, DJ André Santos, DJ Marcelo DMS, DJ Tikko, DJ Smurff, DJ Cangaíba, DJ Foo, DJ Vans, DJ Eduardo Araújo, DJ Júlio Box 12, Michel Palazzo, Bruno e Táta.

A Marco Bernardes e Clairton Rosado, devo pelo grande apoio logístico que me deram para me virar em São Paulo.

A Thomas, Patrícia, Rodrigo, Luís, Michelle, Juliano e Luciane, amigos de sempre, antigos e novos, devo pelo aprendizado que me proporcionam sobre as coisas da vida.

À minha família: minha madrinha Dinha, meu irmão Dan, meus avós Odílio e Teolide (*in memoriam*) e minha mãe Eliane, devo pelo apoio, pela minha ausência e pelo mau humor durante intermináveis anos de estudo.

À Lilian, esposa, companheira, amiga, aluna e professora, musa, luz, alegria e amor, devo pela companhia e pelo apoio nos melhores e mais desafiadores momentos da vida.

A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune.

[...]

Contra a arte patrocinada pelos que corrompem a liberdade de opção. Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nasce da múltipla escolha.

[...]

[A favor] Da Música que não embala os adormecidos.

[...]

A Periferia unida, no centro de todas as coisas.

Contra o racismo, a intolerância e as injustiças sociais das quais a arte vigente não fala.

[...]

É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão. Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades.

[...]

Contra a barbárie que é a falta de bibliotecas, cinemas, museus, teatros e espaços para o acesso à produção cultural.

[...]

Contra os covardes e eruditos de aquário.

Contra o artista serviçal escravo da vaidade.

Contra os vampiros das verbas públicas e arte privada.

A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.

[...]

É TUDO NOSSO!

*Manifesto da Antropofagia Periférica*

Sérgio Vaz

# Sumário

<b>Apresentação</b> .....	13
<b>Introdução</b> .....	19
DJs e trajetórias .....	25
<i>Techno</i> e <i>drum 'n' bass</i> na periferia de São Paulo .....	33
DJs como mediadores culturais .....	37
Os paradoxos da periferia .....	42
<b>Capítulo 1 – Mediações etnográficas</b> .....	51
O primeiro contato .....	51
O perigo de extinção da <i>cena</i> – o cenário no momento da pesquisa .....	54
Trabalho de campo na festa .....	60
A construção do personagem-etnógrafo .....	64
As negociações do personagem-etnógrafo .....	70
A heurística da trajetória .....	75
<b>Capítulo 2 – A proximidade distante e a distância próxima: paradoxos na relação DJs-público</b> .....	79
<i>Circuit of Love I</i> .....	83
A atmosfera da festa .....	85
<i>Circuit of Love II</i> .....	87
O preço do ingresso .....	88
<i>Circuit of Love III</i> .....	93
A roda .....	96
O papel do DJ e a experiência urbana na periferia .....	104
Os limites de “acesso” e sua subversão .....	109
A “humildade” e o “reconhecimento” .....	111
A identidade “periferia” .....	116
<b>Capítulo 3 – Os DJs da periferia na periferia</b> .....	123
Mário Campi: estratégias do iniciando .....	126
Wolly DB: aprendendo a organizar festas .....	131
Rick: <i>techno</i> como nexos .....	139
Tita: trufas e <i>hardtechno</i> .....	147
Guii: entre a perifa e o centro .....	154
Jaçanã: tocando a história .....	162

<b>Capítulo 4 – Os DJs da periferia no centro .....</b>	<b>169</b>
Razz, o DJ hermeneuta .....	173
Fred B: vivendo <i>de</i> e <i>para</i> ser DJ .....	188
Cláudio Tav: interpretando paradoxos .....	203
<b>Capítulo 5 – Mixagem, mediação cultural e trajetórias profissionais mitificadas .....</b>	<b>221</b>
O equipamento .....	227
A mixagem “ao vivo” .....	231
Os limites da mixagem .....	237
A remixagem e o <i>sample</i> .....	244
“Carolina Carol Bela”, ou “LK” .....	247
“Sambassim” .....	252
A geopolítica da mixagem .....	259
O DJ é um <i>mixer</i> .....	263
<b>Capítulo 6 – Um lugar para a diferença .....</b>	<b>275</b>
Preparar-se e ir para a festa .....	279
O começo da festa .....	290
O “meio” da festa .....	295
A dança e o corpo .....	297
A transformação do mediador no processo de mediação .....	304
Voltando da festa .....	310
<b>Referências .....</b>	<b>319</b>

# Apresentação

Este livro é uma versão do trabalho apresentado por mim como tese de doutorado em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em junho de 2008.

A identidade plural do livro espelha minha formação: ex-músico, cientista social e treinado por uma etnomusicóloga, a Profa. Dra. Maria Elizabeth Lucas, durante a pós-graduação em Antropologia Social. Tanto pela centralidade que atribuo às práticas musicais quanto pelos debates que suscita sobre temas “tradicionalmente” antropológicos, mais ou menos recentes na história da antropologia: identidade e trajetórias sociais, dinâmicas globais, jovens de grupos populares urbanos, mediação cultural, performance, lazer e festas urbanas, analisados em suas dimensões formais e subjetivas, acredito que este livro seja de interesse para diversas variações de antropólogos e etnomusicólogos, assim como para um leque amplo de estudiosos, acadêmicos ou não, de música brasileira, música eletrônica e práticas culturais dos jovens.

Do mesmo modo que trato as narrativas musicais como produto das trajetórias pessoais e profissionais dos DJs e produtores que as criaram, simetricamente, este livro é um produto da trajetória de pesquisa percorrida pelo autor até então, tendo realizado sua primeira experiência de pesquisa estudando a formação corporal dos músicos de orquestra entre instrumentistas-estudantes da então escola da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre – OSPA, e sobre a experiência musical nas festas *rave* em Porto Alegre.

No presente trabalho descrevi uma cena musical urbana, mostrando como as dimensões sociocultural e sonoro-musical eram

vivenciadas por seus personagens. No trabalho de campo, acompanhei jovens que investiam na carreira de DJ (*disc jockey*), realizando percursos cotidianos pela região metropolitana de São Paulo. Investiguei os sentidos associados à incorporação da figura do DJ, à música eletrônica dançante e à organização de festas itinerantes de modo espontâneo e autônomo em bairros da Zona Leste da cidade de São Paulo, como Itaqueria, São Miguel Paulista e Guaianases e região metropolitana.

A investigação revelou a existência de um mundo de produção, circulação e experiência musical protagonizado por DJs em *projetos*, isto é, grupos formados por proximidade de residência em alguns bairros de periferia da Zona Leste. Nas festas de maior sucesso, utilizando apenas meios próprios de divulgação, como “boca a boca”, redes virtuais e distribuição de *flyers*, chegavam a reunir mais de mil pessoas, originadas de diversos pontos da região metropolitana de São Paulo. Estes *projetos* se alternavam na organização das festas, nas quais DJs se apresentavam manipulando, nos toca-discos, discos de vinil importados, produzidos por pequenas gravadoras europeias, com faixas de *techno*, *drum 'n' bass*, *jungle*, *hardtechno* e *hardtrance* – identidades musicais exóticas para a sensibilidade mais comum entre seus pares sociais, formada em grande parte pela cultura popular de massa e por gêneros musicais associados à brasilidade, como o samba, o pagode, a axé-music, o sertanejo. Interpretei a identificação com estes gêneros internacionais *underground* como uma rejeição ao universo de relações locais e à “cultura” que os reproduziam, fortemente contrastante com o apelo cosmopolita da música eletrônica dançante, gênero que expressava a diferença e a diversidade, ao mesmo tempo que instrumentalizava a redefinição de seu pertencimento local, de classe e de si mesmos como pessoas.

Esta cena musical, no entanto, não estava fechada em si mesma. Pelo contrário, fluxos sonoros, de pessoas, discursos, tecnologias, modelos de performance cultural e referências simbólicas integravam-se a uma escala global. Alguns DJs formados na periferia já tinham

desenvolvido carreiras individuais entre outras audiências e espaços na cidade de São Paulo e além dela – principalmente entre as camadas médias, inspirados nas trajetórias de DJs como Marky e Patife, iniciados profissionalmente nas festas da Zona Leste na década anterior. Marky e Patife tornaram-se personagens transnacionais, na virada do século, ao iniciarem um processo de recriação estética do *drum 'n' bass* combinando-o com *samples* do repertório consagrado de MPB. Ao mesmo tempo, estabeleceram relações de intercâmbio com DJs de Londres e outros centros mundiais e projetaram o *drum 'n' bass* entre amplas audiências de música brasileira. Fizeram isso distanciando-se de sua rede original de relações e recriando-se como pessoas.

Identifiquei uma categoria musical-chave para a compreensão das dinâmicas culturais desta cena, a mixagem. A mixagem é a operação musical realizada pelos DJs para comporem as narrativas musicais de longa duração que singularizam a experiência dançante da música eletrônica, “costurando” faixas musicais com o equipamento *mixer*. É também o termo que empregam para as combinações que realizam de diferentes gêneros musicais com a música eletrônica. A mixagem é também – argumento, estendendo o sentido original do termo – uma chave interpretativa para a compreensão do papel exercido pelos DJs, entre seu público de jovens da periferia, de mediadores de informações e referências transnacionais às quais os últimos não têm acesso. É a partir dela que explicavam e recriavam a si mesmos e sua experiência urbana como jovens de grupos populares residentes numa metrópole periférica. Neste sentido, a mixagem é uma categoria musical estruturante desta cena musical.

Por estes meios, o trabalho revela um universo muito pouco conhecido no campo de estudos musicais no Brasil; universo cheio de tensões vivenciadas por estes jovens DJs ao cruzarem, questionarem e recriarem fronteiras musicais, simbólicas, sociais e urbanas. Levanta também uma série de questões para o estudo da música popular no Brasil e suas relações com os fluxos musicais e culturais globais contemporâneos.

Se internacionalmente há uma bibliografia considerável sobre a apropriação da música eletrônica dançante, no Brasil há ainda um número muito reduzido de publicações, a maioria de caráter jornalístico (*e.g.* Assef, 2003; Ferla, 2004; Palomino, 1999; Sounders, 1996). Embora seja crescente o número de trabalhos acadêmicos sobre música eletrônica dançante e seus universos sociais de apropriação em diversas universidades brasileiras e campos acadêmicos, como Antropologia, Etnomusicologia, Sociologia, Comunicação Social e Psiquiatria, tenho conhecimento de apenas um trabalho publicado até o momento (Bacal, 2012). Os trabalhos pioneiros na área de Ciências Sociais sobre música eletrônica dançante no Brasil são as dissertações de mestrado do autor (UFRGS, 2003), de Tatiana Bacal (Museu Nacional, 2003), de Débora Baldelli (UFRJ, 2006), e a tese de doutorado de Pedro Ferreira (UNICAMP, 2006). A pluralidade de questões abordadas simultaneamente por estes estudos, muitas vezes questionando fronteiras disciplinares ou mesmo não se encaixando em linhas de pesquisa já consolidadas é, certamente, um dos principais desafios para os pesquisadores deste universo. Embora tratem de cenários musicais contemporâneos, revelando dinâmicas contemporâneas da música como cultura, protagonizadas tanto por jovens de minorias sociais e de gênero quanto por jovens abastados, ocupam ainda um lugar marginal na “academia”, embora possam dividir espaço, em futuro próximo, com outras linhas de pesquisa atualmente consolidadas, outrora marginais.

## **Nota sobre os nomes dos DJs**

Optei por alterar os nomes pelos quais os DJs se identificavam, por um lado para preservar suas identidades, pois nem eu nem eles seríamos capazes de prever as consequências da publicação de declarações feitas no contexto singular da entrevista ou das interações em

campo e, por outro lado, por uma questão de justiça à contribuição que todos deram a este estudo, doando seu tempo, se interessando em contribuir ou mesmo criando expectativas em relação a ele. Pelo caminho que o trabalho foi tomando no decorrer de sua elaboração, nem todas as participações foram incluídas na mesma proporção na elaboração do texto final, embora todos tivessem peso igual para compreensão deste universo e na construção de sua representação, que procurei realizar do modo mais plural possível. Assim, de modo a não fazer parecer que alguns foram privilegiados em detrimento de outros, optei por alterar os nomes de todos os DJs que contribuíram diretamente com esta pesquisa. Acredito que assim o trabalho possa contribuir de modo coletivo com os DJs que participaram ou participam da cena de música eletrônica de periferia para que outras pessoas conheçam e se interessem pelo seu trabalho, e não de modo individualizado, destacando a participação individual de cada DJ, que não corresponderia à quantidade de vezes que seu nome aparece no texto.